

# O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 294

Quarta-feira | Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta | SERIE  
25 | Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros | 64.\*

## O MEIRINHO.

Fortaleza, 25 de Julho de 1883.

Quando em estado estamos de abri-  
luta, por meio de um argumento serio,  
este deitado dos étos impouentes, su-  
btilmes das letras, e que dep ravamos  
como adversarios fraudulentos bróculos,  
filhos, taó sómente, da ignorancia, sen-  
tamos hemiplego prazer; por isso que  
lamentamos a suas quedas, já no des-  
prendimento de sua cega razão guiada  
da palavra falciante e sem verdadeira  
valla.

D'aquelles que trastra e vergonhoza-  
mente erram, é de onde sempre nasce,  
para os outros, o juizo pallidejante da  
calúnia — filha legitima do coração  
demolido pelo rigido ralo da inveja.

Agora, iuda mais que nunca, que  
n'esta capital rebrilha, com mais ful-  
gor, o phébo abençoado da Liberdade,  
e que o povo se estremece convulciona-  
do, e embalado aos resplenderosos sor-  
rizes do progresso, vemos-nos rodeado  
de frachinótes, especuladores — aspe-  
des ferózes, que, mendasmente, ten-  
tam ao seo imitando domipio conche-  
gar um povo, que necessidade não tem  
em ser guiado por bajuladores palperri-  
mos de consciencia e ricos de desmora-  
lização.

Faz-nos isso proferir, ao lémos em  
um dos N.º do *Libertador*, na passada  
semana, um artigo, digamol-o assim —  
uma porca verrina assignada por um  
tal Flavio Magno, creatura desconhe-  
da, até, pela classe mais inferior d'esta  
terra.

O triste lacaio tentou em a sua sap-  
tificação (como se deve chamar) offen-  
der ao distincto Chro Cearense e justi-  
ficar as boas qualidades de um dentista,  
o qual diz ser seo cunhado.

Nós, porém, que conhecemos de  
muito perto o celeberrimo Albino J. de  
Farias, deixar não podemos de des-

mentir ao ré verrineiro, que, com o  
podre insenso do alcañon-roo, apparece  
ao mundo das letras, olorando a pu-  
dridão mais luxuriosa d'esta Provincia.

Não! Não admittimos que perante as  
serias sociedades, seja o al ófas Albino,  
um membro, sobre o qual se possa mi-  
rar serios e admiraveis predicados! Pe-  
lo contrario.

O vomitavel verrineiro di-pa-se da  
farda triste em a qual se acoberta e faça  
merijar á largo espaço dos juzos retros  
a estrella que lho guia ao escopo da  
verdade; e si d'esta forma praticar,  
tem de encontrar no horiz nte de seus  
dias a nuvem limpa, soprada pelos ventos  
da razão.

## LITTERATURA.

### TRIOLET.

Tú me queres e eu te amo,  
Tú me amas e eu te quero,  
Eu te adoro e te venero,  
Tú me queres e eu te amo!  
Por ti eu todo m'ho humo,  
Fallando mesmo siacer...  
Tú me amas e eu te quero,  
Tú me queres e eu te amo.

24 — 7 — 83

Offite.

## ALBUM DA CRITICA.

Como passaram, leitores e leitoras?  
Assim, assim? Pois vamos a que serve:

Este nos o Zé Povinho é de saude!

De quando em vez elle arranja uma  
pillheria cu um dicitrio mais ou menos  
espiritnozo ou mais menos eugraçado;  
uma das duas.

Ainda não estava bem conhecido o —  
pé espalhado — já appareceo outro, e  
este mais celebre, porque está até em  
muzica.

Sabem qual é, leitores? Pois é o seguinte:

Ai, *seo Janjão*, você diz que não doia...

E o mais importante é que o moço dá bem *cavaco* com a pilheria.

Este Zé Povinho não é bem gente não!

§

Alto, frente! Sob a direita a retaguarda, volver...

Bravos, Cadete tarugo! O que anda você fazendo pelo patamar da Sé às horas *esfallecidas* da noite?

Responda *seo ricasso* do Pará!

Que mania é esta sua de se dizer rico, *seo cabeçudo*, *seo* figura de almanak de Bristol?

Vai dar, Rocha.

§

Oh vai ou o rabo arranca *seo* Thomas da praia.

Você não fez caso da nossa pequena observação, e conserva ainda, muito de proposito, sua taberna aberta até de madrugada, assim como o canalhão que lá faz orgia!

Ah, se a policia encherasse!!

§

O Intendente Eugenio, depois que foi engeitado por uma certa moça, para quem audaciosamente ergueo suas vistas, tornou-se tão indolente, que não parece querer dar conta de suas obrigações.

Meo tenente tome um conselho: Vá para a borracha, como fez *seo* digno collega S. Leão (cara de judeo) que o clima do Amazonas é mais saudavel e talvez você seja feliz cazando com alguma gentia.

Não é *seo* amarello?

§

O *padre* Lacibas é o estrangeiro mais perverso que tem pizado o nosso solo, pois não mandou o pebre do Sóco boi para o centro como emissario distribuidor de um nogeto folheto detratando da nossa religião?

Porque não vai elle mesmo, que é o que dezejavamos vêr?

Vai peste... vai safado, ruim, pregar os teos sermões immoraes no centro, para saberes o que te custa zombar impudicamente de um povo religioso.

§

Isso é máo.

Não ha familia que possa passar, das 7 horas até meia noite, na rua das Flores, pela taberna do Caudido! pois é ali colto de bebados e mulheres de má vida, onde fazem uma algazarra infernal, e praticaõ toda sorte de immoralidades. Os morcegos da policia nada podem fazer porque... (Não sei se já lhe disse) entrão na patlfaria.

§

Chamamos a attenção da policia para umas mulheres que lavam roupa no correio — *Maceió*.

Não se pôde passar por ali sem prezenciar scenas escandalozas e repugnantes! Estas taes lavadeiras só exercem sua profissão em estado de *Eva* antes do peccado.

As familias que moram perto de tal lugar, já não podem chegar em suas portas.

Para taes immoralidades, chamamos a attenção da *dona* Policia.

§

A Lucinda do *Club* está no aço; e como ella os amantes e amanteticas, que o frequentavam.

Pela parte que nos toca, damos nossos pezames ao povo zangado e nossos emboras aos Srs. da Policia, que souberam cumprir o *seo* dever.

Ai, *seo* Nunes.

§

Albino — Sóco-boi, Flavio — Bocca de az de copas, Souza Mello — Macaco, &c. &c., convidam a todos os vizitanfes do relachado catlogo e *galhudo* Lacibas, para uma grande reunião, domingo seguinte, em casa da *distincta* senhora *dona* Lucinda.

Não falem, que o negocio é de importancia; condazam as mulheres e filhas.

Haja concorrência!..

## GALERIA DO POVO.

NÃO GOSTO...

— de Costa Souza,

Coixeiro da — Boa-Fé —

Pois em casa, em Santo Antonio,

Tambem fez *seo* rapa-pé.

Este nosso *Antonio Grinalda*,  
Pensando não dar p'ra traz,  
Copiou o — *papelão*  
Do *Dr. Chico Thomaz*!

— de seo *Portella*!  
Sujeito muito *pintado*,  
O qual poz muito doente  
O *alvinho* — seo *cunhado*.

Este moço — *espertalhão*,  
Inda tombando — não cahe!  
Morreo um padre — uma vez...  
Elle é filho de seo pae!..

— de certo negociante,  
Fuão de tal — *Azevedo* —  
Porque é do *Aracaty*  
Não só gosto: tenho medo!

Este seo — *coça braguilha* —  
Se soubesse p'r'o que dava,  
Hia embora para a *China*  
E não mais negociava.

— de seo *Katunda*  
*Joakim* — com — *K* — e meio,  
Porque lá do tal *Ipu*  
Com 20 *ks* elle veio.

Este *typo* *saladorio*,  
Diz ser *caracter politico*;  
Porém ... p'ra vér se a verdade  
Mirem bem o *siphelítico*.

— d'um seo *Braganha*,  
Lá das partes do *Oriente*,  
Porque gosta de *cortar-se*  
Do modo mais *innocente*.

Moços desta catadura  
Do *Meirinho* tomam *peia*,  
Porque só fazem fortuna  
A custa do seo *Aréia*.

— do *Agua raes*,  
*Miranha* muito *atrevido*,  
Por ser bruto como *pedra*  
E ser *bixo* mui *meltido*.

*Tamonha* *cavalgada*  
Ostentar só póde — *brilhos* —  
Toda e toda *ajaezada*,  
Puzando *bond* nos *trilhos*.

— do *Azevedo*,  
*Maranhôto* muito *guapo*,  
Porque lá no *Oriente*  
Deo um bonito *supapo*!

Esse *comparça* do *Braga*  
É d'uma *raça* sublime!  
P'ra fazer qualquer *arranjo*

Não encara tempo e crime!

— do seo *Porfirio*  
*Mortaia*. *Typo* mui bruto,  
Que anda atraz de namorar  
Certa menina de *lucto*.

Este seo *mestre cavallo*,  
*Typo* mesmo inoportuno,  
Ha de fazer um namoro  
Mais *porém* com seo *Neptuno*.

— do *Raphael*,  
Menino bom p'ra *folgar*,  
Só porque este *marreco*  
Quer por força namorar!

Quer por força, sim, leitores!  
(Assim diz um cidadão)  
Pois a sua pretendida  
Não lhe presta uma *attenção*.

— de seo *Curinga*,  
Cara de gente da *feita*,  
Por andar muito *zangado*  
Com o *Hermino Catingueira*.

Quem mandou-te, 2 de pão,  
Do cujo levar o *unto*?  
Não faz mal! P'ra não *fiar-se*  
Em *sapatos de defunto*.

— de seo *Lucy*  
Padre *cazado e ruim*,  
Porque diz-se — *seclario*  
De religião *chinfrin*.

Este povo *Cearense*  
Se ouvirem um meo conselho  
Já o tinha *mimozeado*  
Com *bôa sova de relho*.

— do filho  
De seo *Itrico Narbal*,  
Porque além de ser *doidello*  
É um *typo* mui *chival*.

Diz elle que espera ser  
*Official de descarga*;  
Porém elle ha de ser  
*Official*, mas de *carga*.

— de moça velha,  
Que meninas inda quer ser —  
Dizendo ter vinte annos  
Quando *cem* me consta ter.

Tal *jovenota*, leitores,  
Se pensasse um só momento  
Cortaria a *cabelleira*  
E entrava p'ra uma *convento*.

— de assignante

Velhaço, ruim, safado,  
Que não paga a assignatura,  
Vivendo sempre atrozado.

O typo d'este quilate,  
O bixo que assim procede,  
Além de ser mizorô  
É — canalha — chega, feda!

†

MOTTE.

Se namora n'esta terra  
Mesmo de pé espalhado.

GLOZA.

Fui ao cabo Finisterra  
E vim hontem n'um vapor,  
Para vêr quanto, ó leitor,  
— Se namora n'esta terra!  
Vi da Praça até a Serra  
O namoro mais safado!  
Qualquer typo desbriado  
Tem tambem seo cãozinho!..  
Namora tudo!.. tudinho!..  
— Mesmo de pé espalhado!

O Dezasado.

†

OUTRO.

Vou-me já para o Pará  
Mesmo á pé de patory.

GLOZA.

Vou deixar o Ceará!..  
Não pensem que é cassuada!..  
Mesmo até n'uma jangada,  
— Vou-me já para o Pará!  
Vou comer taperobá,  
Beber do bom assahy,  
Tâcâcá com tucupy;  
Comer peixe que dá leite,  
Mil assados no azeite  
— Mesmo á pé de patory.

Idem.

†

OUTRO.

Na rua de seo Pompeo  
Ha namoro á pé de gallo.

GLOZA.

O Libers, que é judeo  
E mulato de saude,  
Tem visto namoro á grude  
— Na rua de seo Pompeo.  
Disso sabia o Matheo,  
Sabia o mestre Gonçalo,  
O sujeito mais cavallo,

Puxador, té de charrua,  
Sabia que nesta rua,  
— Ha namoro á pé de gallo.  
O Torô.

†

Quadrinhas á pé espalhado.

Têem raiva do Meirinho,  
Mas eu creio qu'isto é graça,  
Porque este jornalzinho  
É coizinha até — só massa!

Elle não tira pedaço  
Da honradez de ninguem!  
Dizer lá suas pilherias?  
Agora, isso o que tem!

Ha por ahí muita gente  
Peior muito que o Meirinho!  
Quer que diga pelo nome?  
Lá vae obra: e tal, pontinho..

Moças ha n'esta terrinha,  
(Typos serios e azudos)  
Quê da vida dos outrinhos  
Sabe tudo e os canudos!

A bieta mais bieta,  
Mesmo e mesmo — santarrona,  
Faz rolar a vida alheia  
Qual menino rola a fona,

Estes diabos de saia,  
Quanto maior rezadeiras,  
Mais safadas, linguarudas,  
Mais finas alcoviteiras.

E assim mesmo ha quem tenha  
Muito raiva do Meirinho!?  
Pela parte que me toca  
Acho elle é bem bomzinho.

Qu'elle sabia sempre bom,  
Mesmo bom e apimentado,  
É quanto me regozijo  
— Mesmo de pé espalhado.

Fra Diavolo.

†

Um sujeito inteiramente calvo encon-  
trou-se com um medico, seo amigo:

Dr., já não me serve o tonico, nem  
mesmo a mutamba; invente uma droga  
que me faça saber qualque couza na cabe-  
ça.

O Dr., lembrando-se que o amigo, tem  
vivido uma vida de desvarios, diz-lhe so-  
lemnemente.

Caze-se, amigo.

Cesará, rua da Palma 116 — Typ. Ameri-  
cana — Imp. por T. E. de Almeida.

A Bibliotheca Hummerste. Nova  
So Quovion N.º 62.

Rio de Janeiro